

Alice e o tornar-se mulher

Daniela Bratz*

Alice no País das Maravilhas, história e filme de grande sucesso, para crianças, adolescentes e adultos que necessitam em algum momento recorrer ao interno, seja num sonho ou na fantasia para buscar respostas às indagações impostas pela vida. O bom seria que este interno fosse realmente um “país de maravilhas”, com dificuldades e resistências, mas também com a possibilidade de ser visitado com livre trânsito.

Alice uma menina que se percebe encarregada em assumir algo do mundo adulto se vê amedrontada com esse desconhecido e temido desafio. Tanto a festa de noivado quanto o pedido de casamento foram grandes surpresas a Alice, que ainda tinha questões da passagem menina/ mulher para resolver. A necessidade de dar uma resposta ao pretendente frente a tantas pessoas fez com que a personagem buscasse respostas quanto ao seu verdadeiro desejo. Naquele momento, Alice estava capturada pelo desejo do outro, engarrafada no ideal parental que lhe sufocava e não permitia que a sua verdadeira vontade aparecesse. Casar-se com um homem escolhido por outros não lhe parecia a melhor alternativa, mas então o que fazer? Prisioneira do gozo do outro se viu em algum momento incapaz de sozinha lutar por seus objetivos, foi o que o sábio lhe disse quando coloca que ela não era totalmente Alice. A protagonista realmente não estava podendo ser ela mesma, ainda enganchada no anseio do outro e tinha que resgatar o si mesmo ou aceitar a trajetória que lhe era intitulada. O buraco onde ela acaba por “cair” quando a personagem vai atrás do coelho, mostra o quanto tudo o que se passava com ela naquele momento lhe era assustador, obscuro e incerto. Parece que não foi avisado a Alice que a passagem da adolescência para o mundo adulto exige um bocado de trabalho, mas de toda a forma ela resolveu encarar.

Na infância protegida pelo olhar dos pais onde a certeza de que nada de ruim poderia lhe acontecer em seus sonhos, agora esta sendo colocado em questão, já que via a necessidade de enfrentar suas questões sozinha. O beliscão, já não fazia mais efeito, outras saídas deveriam ser buscadas para enfrentar as adversidades. Já não se podia fugir do que estava sendo colocado em cena. Por outro lado, a personagem já podia contar com tudo aquilo que tinha vivenciado e internalizado, como por exemplo, o sábio, o cão guia, o gato mágico, tudo isso já fazia parte do seu mundo interno. Ou seja, Alice tinha recursos para lidar com as questões da vida e do crescer. No entanto, vencer o “dragão”, que pulsava dentro de si, ainda lhe parecia uma batalha inglória. Ela precisava acreditar em si mesma, resgatar a sua grandeza para poder superar o desafio de tornar-se mulher e dona de si. E isso ela só conseguiu quando pôde confiar naquilo que era, se apropriando de si mesma e assim podendo fazer suas escolhas.

Esticar, encolher, não foi simples achar o tamanho ideal. Qual era o real tamanho que Alice precisava para enfrentar sua passagem? Desejo de permanecer pequena e cuidada e vontade de ser grande e independente era o dilema da personagem. Além disso, quando a sociedade e a cultura tem como valor a velocidade e a rapidez, no filme representado pelo

coelho com o relógio, isso se torna mais angustiante. Desta forma, o conflito se torna mais ameaçador, pois não é levado em conta o tempo individual que é necessário para a abertura ao mundo adulto que é crucial na vida de todo o ser humano.

Que muitas “Alices” possam fazer essa passagem podendo se pensar, se descolar e principalmente podendo se apropriar de si mesmas ao invés de ficar capturadas pelos ideais e desejos alheios.

*** Psicóloga, Psicanalista em Formação na Sigmund Freud Associação Psicanalítica**